REVELLI
Revista de Educação, Linguagem e Literatura

RELAÇÕES DIALÉTICAS ENTRE SOCIEDADE E LITERATURA: uma análise do conto *O Capote* de Nikolai Gógol

DIALECTICAL RELATIONS BETWEEN SOCIETY AND LITERATURE: an analysis of the short story *The Overcoat* by Nikolai Gógol

Fernanda Ribeiro de Souza
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE)

Cleiser Schenatto Langaro
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Resumo: Este artigo apresenta uma análise sociológica do conto *O Capote*, escrito em 1842 pelo russo Nikolai Vasilievich Gógol. O texto aborda, primeiramente, uma breve incursão teórica a respeito da abordagem sociológica da obra literária, a partir de uma perspectiva marxista, pautando-se em autores como Marx e Engels (2007), Marx (2011; 2014), Candido (2002), Coutinho (1967), Konder (2009; 2013), Eagleton (2011), Adorno (2003), Williams (2011), dentre outros. As reflexões perpassam o contexto histórico-social da produção do conto, pois a partir delas compreendem-se melhor os elementos que constituem a sociedade russa da época. A análise literária apresenta-se com foco nas representações de sociedade e de trabalho que emergem na obra, revelando a atualidade de alguns de seus aspectos sociológicos.
Palavras-chave: Sociedade e Lituratura. Literatura Russa. Nikolai Gógol.

Abstract: This article presents a literary analysis with a sociological approach to the short story *The Overcoat*, written in 1842 by the Russian Nikolai Vasilievich Gógol. The text addresses a brief theoretical foray about the sociological approach to literary work, from a Marxist perspective, based on authors such as Marx and Engels (2007), Marx (2011; 2014), Candido (2002), Coutinho (1967), Konder (2009; 2013), Eagleton (2011), Adorno (2003), Williams (2011), among others. The reflections permeate the historical-social context of the production of the story, since from them the elements that constitute Russian society of the time are better understood. Literary analysis is focused on the representations of society and work that emerge in the work, revealing the relevance of some of its sociological aspects.
Keywords: Society and Literature. Russian Literature. Nikolai Gógol.

INTRODUÇÃO

As reflexões deste artigo decorrem da leitura com abordagem sociológica do conto *O Capote* escrito em 1842 pelo russo Nikolai Vasilievich Gógol. A narrativa retrata a vida de um burocrata russo, pobre e solitário, que vive em São Petersburgo. Apresenta uma linguagem popular e pauta-se na integração entre o real e o fantástico, trazendo à tona situações que ilustram costumes, dramas e o cotidiano da época, aproximando-se do realismo russo.

Para a realização do estudo, evitou-se reduzir a análise da obra ao contexto exógeno ao texto literário, a fim de reconhecer a complexidade da construção do objeto artístico e suas múltiplas dimensões. Partiu-se da compreensão de Candido (2002) para a constituição do método de estudo do elemento social na obra, compreendendo-o a partir de uma relação que condiciona e estrutura sua configuração, sendo a obra, desta forma, uma construção realizada a partir de determinadas dinâmicas sociais, numa perspectiva de interiorização do elemento social.

Reconhecendo que toda análise é incompleta, ressalta-se que a abordagem sociológica deste estudo analisa alguns matizes da obra literária, sobretudo em seus aspectos sociais, enfatizando a relação dialética entre a realidade e as relações de produção da vida e de trabalho suscitadas a partir da obra, sem a pretensão de esgotar suas múltiplas possibilidades analíticas.

Neste sentido, apresenta-se, primeiramente, uma breve incursão teórica a respeito da abordagem sociológica da obra literária, a partir de uma perspectiva marxista, pautando-se em autores como Marx e Engels (2007), Marx (2011; 2014), Candido (2002), Coutinho (1967), Konder (2009; 2013), Lukács (2010) e Eagleton (2011), Adorno (2003), Williams (2011), dentre outros. Na sequência, apresenta-se um sucinto relato sobre o contexto histórico-social de produção do conto *O Capote*, de Nikolai Gógol, buscando a compreensão de elementos que constituem a sociedade russa da época.

Numa perspectiva reflexiva e analítica, finaliza-se abordando os elementos literários do conto e as representações de sociedade e de trabalho presentes na narrativa, revelando a que, apesar de ter sido escrito em um contexto russo, em 1842, apresenta reflexões pertinentes ao momento atual, em contextos outros, o que nos permite ressaltar a atualidade da obra.

As articulações entre a vida e a produção literária: uma via de mão dupla

A forma como o ser humano atua sobre a natureza e produz as condições de sua existência por meio do trabalho constituem uma segunda natureza, uma natureza social, política, cultural (MARX; ENGELS, 2007). Por meio da ação consciente e intencional sobre o ambiente e das relações que o ser humano estabelece com o outro e com a realidade, cria a superestrutura, o mundo dos signos e a linguagem.

Neste sentido, Marx e Engels destacam que:

> A produção de ideias, de representações e da consciência, está em princípio, diretamente ligada à atividade material e ao comércio material entre os homens [...]. As representações, o pensamento e o pensamento intelectual dos homens aparecem aqui como emanação direta do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção intelectual quando esta se apresenta na linguagem das leis, política, moral, religião, metafísica etc., de um povo (2007, p. 25).

Há, portanto um imbricamento entre ideias, representações e consciência com as produções e atividades humanas e diante desta perspectiva, entende-se que a obra literária, ao representar as relações de trabalho e a valorização social do material em *O Capote*, promove reflexões sobre a estrutura entrelaçada à atividade econômica e a relação que ela estabelece entre os homens. Conforme Marx e Engels (2007), a consciência está imbricada às relações e produções materiais, que por sua vez instauram a superestrutura social, cultural e política.

O caráter social da obra de arte, conforme Konder (2013), provém da necessidade de ela ser entendida como reflexo da sociedade na qual está inserida. Para ele, a arte constitui-se numa forma de recriar a realidade humana e social, pela mediação da imaginação humana. Neste sentido, diferencia-se da ciência em geral, que busca refletir essa mesma realidade, porém, através de conceitos científicos e filosóficos. Sendo assim:

> a arte é um modo particular de totalização de conhecimentos obtidos na vida. Lukács opina no sentido de que a ciência funda a nossa consciência histórica, ao passo que a arte funda a nossa autoconsciência histórica. A arte antropomorfiza o real em sua representação: a ciência o desantropomorfiza. A arte faz com que revivamos as experiências de todas as épocas e nos reconheçamos imediatamente nelas. Através da arte, participamos de novas relações humanas, vemo-nos envolvidos em novas situações humanas que nos solicitam reações de tipo especial (KONDER, 2013, p. 150).

A autoconsciência histórica é um dos conhecimentos decorrentes das artes e das relações com a vivência de experiências sensíveis. Mesmo sendo criações humanas, dotadas de elementos subjetivos, as obras de arte remetem a uma realidade que, em sua essência, existia antes de elas serem criadas, a realidade de seus criadores e do mundo deles, assevera Konder (2009). Entretanto, a arte não deve ser entendida como reflexo mecânico e direto da realidade social e nem de forma idealista, como produto de uma dialética própria, sem relação com as demais esferas da realidade. De acordo com essa perspectiva:

> a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela. É isso o que se deve esperar, e até a mais simples reflexão caminha nesse sentido. Pois o teor [*Gehalt*] de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua

> participação no universal (ADORNO, 2003, p. 66).

Ao retratar as experiências sociais a arte desvenda as engrenagens do sistema social e revela as ideias imbricadas no jogo das relações, promove a percepção daquilo que fica subentendido, o duplo ou as realidades múltiplas, daquilo que não foi dito ou percebido ainda. Para Adorno (2003), ela amplia os níveis de consciência do sujeito sobre a sua realidade, assim como fez Gógol ao narrar a história do capote, ele conduz à percepção mais profunda da realidade social e suas nuances.

Terry Eagleton (2011) retoma os escritos marxianos e complementa que Marx aponta em seus textos a relação desigual entre arte e sociedade, afirmando que não há uma relação simétrica entre base e superestrutura. Cada elemento da superestrutura de uma sociedade – a arte, as leis, a política, a religião – possui seu próprio ritmo de desenvolvimento. Deste modo:

> seria um erro insinuar que a crítica marxista se move mecanicamente do "texto" para a "ideologia", para as "relações sociais" e então para as "forças produtivas". Ela lida, em vez disso, com a unidade desses "níveis" da sociedade. É verdade que a literatura faz parte da superestrutura, mas ela não é apenas um reflexo passivo da base econômica (EAGLETON, 2011, p. 24).

Sendo assim, a literatura recria a vida social, atua sobre o meio e sofre interferências deste. Ela refrata a realidade, instaurando outras formas de percebê-la. Conforme aponta Eagleton (2011), não é mera cópia, mas tem vida ativa na superestrutura da sociedade e reverbera ideias e autoconsciência histórica.

Desse modo, o meio social age como um fator de evocação e estruturação da obra. Entretanto, conforme Candido (2002), o social passa por um processo de interiorização em que o autor o reconstrói, elaborando-o de uma maneira estética diferenciada. Os aspectos da realidade são combinados com a percepção subjetiva do escritor e, portanto, a obra está longe de ser um mero espelho que reflete uma determinada realidade histórica e social.

Nessa perspectiva de leitura, Raymond Williams (2011) também contribui para os estudos literários com base sociológica, chamando a atenção para os limites do conceito de determinação com relação a uma perspectiva ingênua e direta de condicionamento total do objeto cultural pela estrutura econômica e social. Para o estudioso:

> Temos de reavaliar a determinação para a fixação de limites e o exercício de pressões, afastando-a de um conteúdo previsto, prefigurado e controlado. Temos de reavaliar a superestrutura em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-a de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente. E, fundamentalmente, temos de reavaliar a base, afastando-a da noção de uma abstração econômica e tecnológica fixa e aproximando-a das atividades específicas de homens em relações sociais e

> econômicas reais, atividades que contêm contradições e variações fundamentais e, portanto, encontram-se sempre num estado de processo dinâmico (WILLIAMS, 2011. p. 47).

A perspectiva de base sociológica, portanto, analisa a obra estética a partir desta concepção, do objeto cultural envolvido num processo dinâmico, incompleto e inacabado. Neste sentido, Massuia (2013) aponta que é necessário considerar as dimensões da criação artística, a psique criadora e as condições sociais que influenciam, direta ou indiretamente, assim como as efetivas interações que se condensam e resultam no objeto artístico.

Konder (2009, p. 162) ressalta que a arte nos aparece como uma atividade ao mesmo tempo "autorreveladora e autoplasmadora do homem". Para ele, a arte educa a sensibilidade do homem, desenvolvendo as riquezas especificamente humanas dos seus órgãos dos sentidos. Corrobora com este pensamento o sociólogo e crítico literário Antonio Candido (2002), pois para ele:

> a arte é social nos dois sentidos, depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 2002, p. 30).

O desenvolvimento literário, neste sentido, prende-se e ao mesmo tempo transcende às condições concretas da existência humana, permitindo criar, imaginar, transformar e romper paradigmas, contribuindo dialeticamente com a produção da realidade histórico-social. Neste sentido, ao mesmo tempo em que é fruto das condições concretas de existência humana, também participa da sua construção.

Ao analisar a relação entre literatura e sociologia, Candido (2002) defende que a obra literária é constituída a partir de inúmeros fatores sociais que agem sobre a sua formação, fornecendo-lhe elementos, mas também atuando na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte, ou seja, a determinação da sua validade e o seu efeito sobre os leitores.

Ou seja, "o externo importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se assim, interno" (CANDIDO, 2002, p.14). Neste sentido, é necessário perceber a literatura como um todo indissociável, resultado de um tecido formado por características sociais distintas, porém complementares. A arte como uma via dupla do caráter social, ela é tanto receptiva quanto expressiva.

A partir desses pressupostos, propõe-se a análise do conto *O Capote*, considerado enquanto elemento artístico e estético que, ao mesmo tempo em que nos permite analisar diversos elementos sociais e históricos que permeiam a organização da produção social da vida humana, também carrega elementos subjetivos, imaginários e fantásticos, marcas próprias da mente e da personalidade do artista que o criou.

A Rússia e a obra de Gógol

De acordo com Araújo e Seixas (2012), durante o século XIX a autocracia da Rússia se baseava profundamente nos czares, forma de governo comandado basicamente por um único indivíduo. Neste momento, a Rússia czarista passava por profundas transformações, tanto na área política, quanto na econômica e na social, principalmente após as reformas liberais para modernizar os seguimentos sociais, geradas a partir das lutas armadas do movimento revolucionário.

O desenvolvimento da indústria ocasionou uma elevação no número de habitantes nas zonas urbanas das principais cidades russas. A educação, o teatro, as artes plásticas, as ciências e a tecnologia refletiam as transformações que estavam ocorrendo no país.

Nas produções artísticas do período, é possível verificar reflexos dos horrores da guerra e da insatisfação do povo com o regime dos czares. Aos poucos o romantismo foi cedendo lugar aos textos e poesias realistas. No teatro, os espetáculos produzidos retratavam a sociedade russa, tematizando as traições, a corrupção e os abusos de poder (ARAÚJO; SEIXAS, 2012).

Neste sentido, as obras da época foram adquirindo uma relação cada vez mais estreita com a realidade social. Ao produzir o conto *O Capote*, Gógol aborda o contexto social, econômico e cultural da Rússia e contextualiza as condições precárias de existência de Akaki Akakiévitch, que embora fosse um trabalhador de uma repartição pública de São Petersburgo, não tinha possibilidade de comprar sequer um casaco para protegê-lo do frio.

Gógol retrata o ambiente de pobreza no qual vive Akaki, em passagens em que descreve o período de penúria e racionamento realizado para que pudesse comprar o seu novo capote, ou em detalhes sobre a rotina diária. O conto nos permite compreender a simplicidade e as dificuldades enfrentadas pela personagem:

> Chegando em casa, [Akaki] sentava-se à mesa e comia a sopa de repolho e beterraba e mais as moscas ou que quer que o Senhor houvesse por bem

> mandar. Quando havia, comia um pedaço de carne ou pão e, sentindo o estomago cheio, levantava-se da mesa e ia copiar documentos que trouxera para casa (GÓGOL, 2008, p. 12).

Ao expor a condição de miséria e precariedade de Akaki, o escritor desvela as fragilidades do sistema czarista, a exploração do trabalhador e a sua trágica condição. A obra expõe ainda a criminalidade, a violência e a insegurança que rondava os centros urbanos, diante das frágeis condições econômicas e sociais em que estava imersa, a, maioria da população, retratando o perigo das ruas escuras de São Petersgurgo e o assalto violento que sofre Akaki, resultando na perda de seu capote.

A arte como uma via dupla revela a corrupção e a estratificação social presentes na sociedade Russa da época, ao abordar as implicações da posição social e economica dos sujeitos nas relações sociais, diante do desprezo e da frieza com que Akaki é tratado ao buscar ajuda para reaver seu casaco, e instaura a crítica e os questionamentos da autoconsciência.

Conforme destaca Cavaliere (2009), uma das principais estudiosas das produções de Gógol no Brasil, o escritor viveu quase que toda a sua vida sob o reinado de Nicolau I, que era obcecado pelo levante dezembrista[1] e via-se como o escolhido para salvar o povo russo do ateísmo, do liberalismo e da revolução. Desse modo, figurava como um autocrata absoluto e seu maior objetivo consistia em eliminar qualquer tentativa de oposição aos seus ideais.

Apesar disso, o czar era considerado, por grande parte da população russa como responsável por zelar pelo povo e pela pátria, e como detentor de direitos divinos. Gógol não era alheio a esse discurso e muitas de suas crenças na salvação do homem russo assemelhavam-se às do sistema czarista, de modo que o autor jamais se declarou um revolucionário.

Embora no conto *O Capote*, Gógol apresente uma crítica às autoridades e estruturas institucionais, bem como às desigualdades sociais, retratando as diferenças entre as condições de vida da população russa, no contexto vivenciado por Aakaki, em nenhum momento a narrativa questiona as bases da autarquia russa.

Conforme aponta Cavaliere (1986), a natureza da produção gogoliana não se resume em crítica social, já que Gógol viveu intensos dilemas diante de suas próprias crises artísticas e existenciais e era ambivalente em seu posicionamento frente à sociedade. Ela ressalta que o

[1] A Revolta dezembrista ocorreu no dia 14 de dezembro de 1825 no Império Russo, coordenada por oficiais do Exército e soldados que se opunham à coroação do czar Nicolau I. O movimento que apresentava caráter progressista e clamava pela substituição do modelo autárquico por uma monarquia constitucional e a emancipação do campesinato foi duramente reprimido pelo czar.

que se destaca na obra de Gógol são, sobretudo, mensagens morais e ideias que pregam a regeneração espiritual diante das forças sociais, aspectos que acabam por sobrepor-se a um posicionamento de denúncia ou crítica social.

A obra de Gógol é marcada por uma tensão explícita. Um espírito crítico, atormentado com a realidade social que o circunda, mas que é freado em vários momentos por suas concepções conservadoras, fruto de sua educação profundamente arraigada em preceitos religiosos, principalmente por influência de sua mãe.

Gógol possuía uma capacidade aguda para interpretar a sua sociedade e o período petersburguês. Nesse sentido, Cavaliere (2009, p. 15) afirma que suas narrativas "[...] metaforizam o caráter sinistro, estranho, absurdo e espectral que adquirira o império russo e a sua capital símbolo, São Petersburgo, durante o regime de um dos mais autocratas governantes da Rússia czarista".

Verifica-se tal abordagem no desfecho do conto *O Capote*, que menciona a presença de um espectro reconhecido por um colega como o fantasma de Akaki. O fantástico entra na trama com o retorno de Akaki após sua solitária morte, como fantasma, que passa a roubar capotes pelas ruas de São Petersburgo. A noção moralizadora de castigo, que se faz presente nas obras de Gógol, se concretiza com a vingança de Akaki contra quem se negou a ajudá-lo a reencontrar o capote roubado, tomando-lhe o casaco.

Cavaliere (1986) salienta que, segundo alguns críticos, os últimos textos de Gógol revelam essa sua atitude ambígua que mescla a figura do crítico social, satirista implacável, com a do defensor de uma posição retrógrada ligada aos velhos valores.

Deste modo, Gógol toma fatos reais e amplifica-os, deforma a realidade, de modo que ocorrem, na crítica russa, contestações a respeito do caráter realista de sua obra. Ressalta-se, neste sentido, a contribuição de Gógol ao representar a realidade como uma caricatura e não uma representação fotográfica e fiel da mesma.

A obra Gógol compreende narrativas de diferentes gêneros – como a alegoria, a tragédia, o poema histórico, a peça teatral, o romance e a novela – e sobre diferentes temas, sendo possível caracterizá-la em duas fases, uma voltada à cultura popular ucraniana e outra ao cenário urbano de São Petersburgo. A primeira fase, composta por obras que valorizam o folclore ucraniano e a figura simples do mujique "com seus diálogos livres e soltos" (CAVALIERE, 1986, p. 114), contempla histórias baseadas em antigas lendas da Ucrânia, narrativas sobre bruxas, fantasmas e maldições.

As obras da segunda fase da produção gogoliana são ambientadas na sombria e caótica cidade de São Petersburgo, das quais destaca-se o conto *O capote*. Essas narrativas caracterizam-se pelo contexto situado na vida burocrática petersburguesa e pelo "[...] homem da cidade, que diante de uma vida absurda ora se apresenta alucinado, ora obsessivo, suicida ou louco, sempre sob a forma de caricaturas grotescas" (CAVALIERE, 1986, p. 114) que representam a maneira como Gógol via São Petersburgo.

A vida na cidade de São Petersburgo torna-se então elemento de inspiração para a produção literária de Gógol, que, ao contrário de representá-la de forma direta, expressa uma caricatura deformada da mesma, a partir do hibridismo entre realidade e ficção, comédia e tragédia.

De acordo com Cavaliere (2009), o traço distintivo da obra gogoliana se revela por meio de uma espécie de acumulação absurda de detalhes que fazem da realidade um aglomerado de elementos contraditórios, mas que a revelam na sua mais profunda essência.

Deste modo, corroborando com a perspectiva de Candido (2002), o conto utiliza-se de fatores sociais como elementos para a constituição da essência da obra, porém remetem a uma realidade que não representa mecanicamente a realidade social, e sim uma dinâmica própria, fruto do movimento de vivência social e expressão estética do artista.

De acordo com Quiozini (2017), nas obras de Gógol pode-se identificar as mazelas do feudalismo russo, os limites da estrutura de classes para uma possível transformação do capital comercial em capital industrial, a profunda ligação da burguesia com a aristocracia tradicional e o desenvolvimento contraditório das relações mercantis, nas quais o poder econômico e do capital já demonstra sua faceta mais cruel.

O conto explicita os contrastes entre o centro urbano e a periferia ao descrever as ruas de São Petersburgo, elementos que expressam a presença do moderno e do arcaico convivendo naquela sociedade. Ao enfatizar as disparidades entre os ambientes, o escritor alude às desigualdades sociais:

> À medida em que caminhava, iam ficando para trás as ruas iluminadas e aparecendo aquelas ruas sombrias. As lanternas rareavam, sinal de que se economizava o óleo. Sugiram casa de madeira e cercas. Não viu uma única pessoa, apenas a neve cobrindo tudo. Akaki Akakievitch aproximou-se do fim de uma rua, que desembocava em uma praça deserta e mal iluminada. Muito longe brilhava uma luzinha numa choupana que parecia se situar no fim do mundo (GÓGOL, 2008, p. 15).

Da luz para a escuridão, um percurso de revelações sobre as mazelas sociais e da alma humana. Gógol também traz à tona a degradação moral, a corrupção e o afastamento

entre as classes dominantes, pertencentes à burocracia estatal, a polícia e ao exército, das classes populares. Elementos descortinados, por exemplo, na forma como Akaki era tratado com desdém, deboche e insignificância por seus colegas de trabalho, na forma como foi atendido pelo Comissário e humilhado pelo General, ao buscar auxílio para reaver seu capote e ainda na relação extraconjugal do General, revelada no final da trama.

Cavaliere (1986) destaca que a obra de Gógol está profundamente relacionada com todo o contexto histórico-cultural de sua época. Para ele, sua obra não pode ser separada da base sobre a qual se constitui, ou seja, o solo e a condição do homem russo. No entanto, ao abordar a temática da exploração do homem pelo homem, como acontece no ambiente de trabalho, entre os colegas, é possível perceber a atualidade da obra. Seja no que se refere ao comportamento humano, seja no que alude a sociedades e relações de autoritarismo e exploração da força de trabalho. Desse modo, podemos dizer que a mesma é atemporal e não se limita geograficamente.

Suas obras abordam as transformações econômicas da Rússia na primeira metade do século XIX, mais precisamente: o poder crescente de uma lógica mercantil, dos comerciantes e homens de negócio e o enfrentamento/adaptação dessa tendência à estrutura feudal da economia e sua mentalidade específica. Para além disso, a narrativa O Capote problematiza estruturas e sistemas autoritários, a disputa pelo poder e prestígio e a trágica condição do proletariado pobre e explorado.

As relações de trabalho e a produção da vida

A personagem principal do conto *O Capote*, Akaki Akákievitch, tinha uma vida humilde, pobre e repetitiva. Era simplesmente um homem que copiava documentos. Seu nome traz um trocadilho, pela repetição de letras, bem como pela cópia do nome do pai, faz alusão a sua personalidade, sua função como copista, seu apego à rotina, seu medo do novo, sua submissão e o conformismo diante da vida e de suas condições.

Gógol aborda, por meio da personagem, as condições de desigualdade social e opressão que constituem a sociedade russa da época, as relações hierárquicas de poder que compõem a burocracia estatal, o peso das aparências e a reificação do material em detrimento do humano.

Estes elementos podem ser verificados na condição de invisibilidade e inferioridade com que Akaki é tratado, pelo trabalho que desempenha, por ser um sujeito que vive com

poucas condições materiais. A situação de menosprezado em relação à sociedade é sustentada não apenas entre os colegas de repartição, mas também por pessoas desconhecidas. Conforme relata o conto, Aakaki "tinha a habilidade natural de passar debaixo das janelas no exato momento em que se jogava o lixo para fora" (GÓGOL, 2008, p.09).

O trecho que segue retoma o total desamparo e a forma como Aakaki é tratado quando busca auxílio das autoridades para reaver seu capote, demonstrando as discrepâncias hierárquicas que constituem as relações sociais, a opressão com que os trabalhadores pobres são tratados pelos trabalhadores que ocupam cargos de maior importância. Tudo em Akaki denunciava sua condição social e era motivo de menosprezo:

> [O General] Vendo a postura humilde e o uniforme surrado de Akaki Akakievitch, virou-se para ele e gritou com o tom de voz que havia ensaiado diversas vezes diante do espelho antes de se tornar chefe: - O que quer? Akaki Akakievitch pareceu desabar, mas juntando suas últimas forças, relatou tudo que lhe acontecera, intercalando ainda mais partículas de valor gramatical nulo do que costume. O general, por alguma razão, achou que estava sendo tratado com muita familiaridade e explodiu: - Sabe com que está falando? Conhece o procedimento nesses casos? Antes de tudo, o senhor deveria apresentar um requerimento na sua repartição. Esse requerimento deveria ir parar nas mãos do chefe de repartição, que o enviaria ao secretário (GÓGOL, 2008, p. 17).

Ao mencionar os trâmites "adequados", o general reitera as diferenças sociais entre eles, seja do cargo exercido, um general e um funcionário de repartição. Amplia, portanto, a diferença social e econômica entre eles, reforça sua posição de poder e prestígio em detrimento da posição de Akaki. A postura humilde e o uniforme surrado fazem alusão aos valores morais daquela sociedade, à valorização da aparência independente da essência humana. O grito, além do título de general, escancara a humilhação a qual Akaki estava submetido desde o momento em que passou fome para conseguir um capote novo.

Retomando as contribuições de Eagleton (2011) que aponta a arte enquanto expressão dialética constituinte e constituidora da superestrutura social, verificamos que as relações de trabalho e produção da vida apresentadas no conto, especificamente no âmbito burocrático estatal, podem ser problematizadas a partir de conceitos como a alienação e fetichismo, que serão abordados adiante no texto.

Ao mesmo tempo em que a vida de Akaki se resume ao seu trabalho, seu trabalho é totalmente desumanizador, nada exige de sua intelectualidade e nada proporciona para o seu desenvolvimento. O trabalho não tem sentido criador, humano. Para Akaki, é apenas meio para a sua sobrevivência.

A personagem nada questiona em relação a isso, pois estas condições estão totalmente naturalizadas e incorporadas ao seu cotidiano e à sociedade, produzindo conformismo, obediência, subserviência. Quando lhe é proposto um trabalho ligeiramente menos repetitivo, Akáki é tomado pelo pânico e implora o retorno à sua função de copista.

Ao decidir juntar o dinheiro necessário para a confecção do novo capote, Akaki abre mão de uma série de necessidades básicas para economizar. Priva-se de jantar, tomar chá, entre outras ações elementares, em nome de seu novo casaco, necessário para protegê-lo do inverno de São Petersburgo e (involuntariamente) desfrutar de outros prazeres sociais. A perspectiva de adquirir um novo capote assume um simbolismo enorme na vida de Akaki. Sua vida e seus pensamentos passam a girar em torno apenas desse objeto de desejo. Sua própria existência ganha em importância ao conseguir o capote.

Destaca-se a capacidade que um bem material básico tem de reificação, de alterar relações sociais, diante da forma como Akaki passa a ser visto por si mesmo e pelos outros, uma vez que os colegas o convidam para um jantar e o percebem de modo diferente assim que chega com o novo capote. Partindo de um conceito de trabalho como elemento fundamental na produção da vida social e na construção da dimensão humana em cada indivíduo, problematiza-se o trabalho na sociedade capitalista enquanto forma social destinada à produção de valor de troca. No conto:

> apesar das mudanças de chefes e quaisquer outros funcionários, Akaki Akakievitch era sempre visto no mesmo lugar, na mesma insignificante função de copista, de modo que todos se convenceram que ele tinha vindo ao mundo assim, prontinho, de uniforme de funcionário e com a cabeça pelada (GÓGOL, 2008, p. 08).

O homem moderno, muitas vezes, deposita seu caráter subjetivo em troca de relações reificadas, reduz-se à condição elementar de trabalhador apenas para sobreviver materialmente, conforme muito bem ilustra o conto ao expor a rotina de trabalho de Akaki. Marx (2014), ao desenvolver sua teoria crítica sobre a economia política produz uma obra que possibilita analisar a realidade social em suas múltiplas dimensões, firmada no âmbito histórico e concreto da sociedade e, deste modo, problematizar relações que embora se aparentem naturais, são construídas a partir da produção material da vida e suas mediações.

No capitalismo, a propriedade privada e a divisão do trabalho conduzem os indivíduos desapropriados dos meios de produção a adquirem seus meios de vida através da venda da força de trabalho e da troca mercantil. Imersos nas relações mercantis, os homens passam a ser governados pela autonomia adquirida pelos produtos de seus trabalhos. A

relação entre indivíduos não é direta, mas fixada numa coisa externa, no meio de troca, ou seja, no dinheiro. Sendo assim:

> [...] O caráter social da atividade, assim como a forma social do produto e a participação do indivíduo na produção, aparecem aqui diante dos indivíduos como algo estranho, como coisa; não como sua conduta recíproca, mas como sua subordinação a relações que existem independentemente deles e que nascem do entrechoque de indivíduos indiferentes entre si (MARX, 2011, p. 107).

A produção se configura como produção para o mercado e a socialização da vida prática dos indivíduos é feita através da esfera mercantil. Neste contexto, a satisfação das necessidades passa a ser intermediada pela produção de mercadorias e a produção de mercadorias, como meio necessário para a sobrevivência, torna-se também fim.

A necessidade de transformar o produto ou a atividade dos indivíduos na forma de valor de troca, no dinheiro, anula o sujeito humano, uma vez que a obtenção do valor passa a guiar as ações humanas e o valor passa a presidir as relações sociais.

A relação econômica, ora expressa no sentido mercantil, ora na classificação social, está presente em diversos pontos da narrativa, por exemplo, na hierarquia e divisão do trabalho na repartição em que Akaki trabalhava como copista e na relação que se estabelece entre o alfaiate e Akaki ilustra as relações sociais que emergem na sociedade capitalista nascente, baseadas na oferta de serviços e produtos, desconsiderando o aspecto humano em detrimento ao econômico. Ao ter o conserto do velho capote negado, “Akaki Akakievitch saiu de ombros caídos, aniquilado. Petrovitch permaneceu na mesma posição, felicitando-se a si mesmo por não ter cedido e rebaixado sua profissão” (GÓGOL, 2008, p. 11).

Embora a obra tenha sido produzida em um contexto de implantação do capitalismo, a partir da constituição de uma burguesia nascente e em transição, com a presença de elementos aristocráticos, aspectos essenciais do capitalismo ocidental como a alienação e o estranhamento do trabalho e a reificação da mercadoria são abordadas no conto ao apontar o protagonista como um homem que trabalha em uma repartição pública, cuja divisão do trabalho já o relegou a um mero copista que não percebe sentido nos processos e documentos que por ele passam.

A vida de Akaki se resumia a uma atividade produtiva, fragmentada e parcial que desenvolve como meio de troca de força de trabalho por valor, dinheiro. Atividade que em nada contribui para o desenvolvimento de seu senso crítico, intelectual, ético ou estético, mantendo apenas uma existência precária e vazia.

> [Akaki] Copiava não por dever, mas por diversão, especialmente se o documento era valioso, não tanto por seu conteúdo, mas por ser destinado a uma pessoa importante. Na hora em que os funcionários já tinham jantado e ocupavam-se de suas atividades prazerosas, quando alguns iam ao teatro, outros para a rua observar as moças vestidas com a última moda, quando outros se reuniam nas casas dos amigos para jogar cartas, enfim, quando todos estavam envolvidos em seu lazer, Akaki Akakievitch simplesmente copiava. Tendo escrito até se fartar, ele deitava-se, sorrindo ao pensar no dia seguinte – no que Deus lhe mandaria para copiar (GÓGOL, 2008, p. 09).

Nesse processo, o trabalho objetivado é simultaneamente posto como não objetividade do trabalhador, como objetividade de uma subjetividade contraposta ao trabalhador, como propriedade de uma vontade que lhe é estranha.

Neste sentido, o trabalho aparece na sociedade moderna nascente como propriedade alheia, como trabalho alienado. O trabalhador individual se encontra alienado da objetivação de suas próprias forças individuais, do mesmo modo que o trabalho social governado pela produção de valor é intrinsecamente alienado do controle dos indivíduos em conjunto.

> Impelidos a orientar sua atividade não pelos resultados de seu próprio desenvolvimento material e de sua consciência, mas pelos pressupostos da troca de mercadorias, os indivíduos põem em marcha uma dinâmica que assume a forma de um movimento de coisas que controlam os produtores, em vez de estes as controlarem (LIMA, 2015, p. 25).

Neste ponto, a mercadoria, no caso do conto, o capote, apresenta-se enquanto valor de troca e reifica nela um simbolismo que vai além de seu valor de uso objetivo, adquire um valor sentimental, cultural e social, que influencia na forma como o ser humano é visto pelos outros no contexto social. Assim, o homem transfere propriedades sociais aos produtos de sua atividade, fetichiza a mercadoria, o dinheiro e o capital, o ter em detrimento ao ser. Desse modo:

> O homem transfere seus próprios poderes a uma objetivação de suas relações. O fato de o estranhamento se materializar agora especificamente no interior da esfera produtiva não nega o caráter alienado e irracional das práticas em questão. Esse estranhamento permeia a constelação de formas do ser postas pela sociabilidade moderna. Por isso, não pode deixar de se refletir em outros movimentos da vida social (LIMA, 2015, p. 25-26).

A regulação social pelo âmbito econômico configura a submissão da vontade humana a uma potência animada pelas próprias objetivações sociais. Produz-se o fetichismo, a compreensão da dominação impessoal pela economia do valor, pelo trabalho abstrato.

Em “A ideologia alemã” Marx e Engels afirmam:

> Esse fixar-se da atividade social, essa consolidação de nosso próprio produto

> num poder objetivo situado acima de nós, que foge ao nosso controle, que contraria nossas expectativas e aniquila nossas conjeturas, é um dos principais momentos no desenvolvimento histórico até aqui realizado. O poder social, isto é, a força de produção multiplicada que nasce da cooperação dos diversos indivíduos condicionada pela divisão do trabalho, aparece a esses indivíduos, porque a própria cooperação não é voluntária mas natural, não como seu próprio poder unificado, mas sim como uma potência estranha, situada fora deles, sobre a qual não sabem de onde veio nem para onde vai, uma potência, portanto, que não podem mais controlar e que, pelo contrário, percorre agora uma sequência particular de fases e etapas de desenvolvimento, independente do querer e do agir dos homens e que até mesmo dirige esse querer e esse agir (MARX; ENGELS, 2007, p. 38).

O fetichismo corresponde à perda de controle humano sobre a própria atividade, o depósito das forças próprias em instâncias estranhas, negando suas próprias forças sociais e depositando-as em um processo indiferente aos próprios agentes que o colocam em marcha, que é a valorização do valor (MARX, 2014).

Para além da crítica à arrogância aristocrática da burocracia e ao estado de miséria dos trabalhadores urbanos, o conto apresenta uma Petersburgo onde o valor de troca já se disseminou por quase todos os poros da estrutura social, a empreitada de Akaki pode ser vista como uma tentativa de humanização, concentrada na obtenção de uma simples mercadoria.

Conforme expressa o conto:

> É necessário dizer, a bem da verdade, que foi custoso acostumar-se a essas restrições, mas no final tudo se ajeitou. Até à fome acostumou-se, mas em compensação alimentava-se com a visão do futuro capote. Havia de ser lindo. Era como se ele tivesse se casado e outra pessoa vivesse sempre ao lado dele. Essa amiga não era outra senão o sonhado capote, novinho em folha e devidamente forrado de algodão (GÓGOL, 2008, p. 12).

O poder das relações monetárias aparece de forma drástica, desvelando o desenvolvimento contraditório das relações mercantis, em que o poder do dinheiro e do mundo das coisas já demonstra sua faceta mais cruel. Em concordância com a perspectiva de Lima (2015), os elementos de representação do trabalho na obra o apresentam fragmentado, estranhado, de modo que a produção já não atende diretamente as necessidades e objetivos de existência das personagens, nem sequer apresenta um singificado para o trabalhador. É apenas elemento para a produção de valor, valor de troca.

Mesmo quando apresenta domínio sobre todo o processo de produção, como no caso do alfaiate, a mercadoria produzida (o capote) significa para ele algumas moedas que garantirão a subsistência da família por alguns dias, ademais, ele mesmo possivelmente não

possui um capote como o que confeccionou para Akaki.

A personagem representa a frágil condição humana, num mundo que sobrevive de poder, aparência, individualismo, dinheiro, monotonia e futilidade. O trabalho não lhe possibilita uma experiência de humanização, pautada em uma perspectiva de desenvolvimento em suas múltiplas dimensões, mas o mutila e torna um homem que copia, que troca sua força e seus dias de vida por um salário que lhe proporciona condições mínimas de vestir-se e alimentar-se, atravessando as agruras da exclusão econômica, social e cultural, e por fim, tornando-se vítima do próprio sistema do qual faz parte, o nascente capitalismo.

A transição de uma narrativa realista à fantástica revela a condição de várias cópias de Akakis pelo mundo: sujeitos invisibilizados, marginalizados, desamparados pelo sistema social. Neste sentido, o singular e o universal podem ser identificados na obra, possibilitando elementos para uma interessante análise das relações sociais da época, que ainda se mostram atuais no capitalismo tardio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se destacar alguns aspectos sociais presentes na obra *O Capote*, de Gógol, vinculando os elementos presentes no conto a uma perspectiva sociológica de análise literária.

De acordo com Coutinho (1967), uma obra de arte é realista quando se manifesta em sua conformidade singular a totalidade das determinações do reflexo estético da realidade objetiva. Verificou-se que a obra aborda elementos que constituem a rígida hierarquia do funcionalismo russo e a frieza e futilidade dos altos escalões do Estado czarista.

Neste sentido, pode-se identificar aspectos relacionados à emergência de um capitalismo nascente em um contexto histórico-social marcado por intensas transformações e por um processo de transição social, de uma sociedade feudal para a burguesa.

O conto está atrelado a uma série complexa de questões sociais e econômicas que têm a ver com o desenvolvimento do capitalismo, portanto, sua análise nos permite desvelar elementos sociais, os problemas e as consequências de vivermos em uma ditadura do lucro e do mercado.

Dentre esses elementos, aponta-se o nível de desenvolvimento das forças sociais produtivas, as condições de divisão do trabalho e de exploração do homem pelo homem, a

feição estranhada, coercitiva e áspera que imprimem ao trabalho humano, a desvalorização das dimensões humanas – biológica, artística, espiritual, diante da organização da economia na sociedade, voltada à produção de riquezas e bens materiais.

Por fim, destaca-se que com o crescimento das relações mercantis, cada vez menos homens são considerados pelo que são de fato, mas sim pelo que possuem. Deste modo, por meio da apreciação estética e cultural da arte e, neste artigo, especificamente da obra literária, é possível observar os processos sociais, as transformações e a produção das relações sociais construídas historicamente.

Para além da dimensão social expressa no conto, buscou-se abordar as diversas dimensões estéticas da obra, procurando compreender o papel da dimensão social na configuração do elemento artístico como uma das facetas da configuração do elemento literário.

De acordo com Candido (2002), a arte literária possibilita a recriação dinâmica e multifacetada da vida social. Na mesma medida em que a obra de Gógol expressa elementos da realidade social, apresentando um caráter realista, marca-se também por uma perspectiva caricata e grotesca, de deformação social, ao ponto que lança mão do trágico, do cômico e do fantástico para expressar essa realidade no conto.

A partir da análise realizada, ressalta-se a atualidade dos elementos sociológicos expressos na obra, representando rudimentos de um capitalismo nascente, pautado no trabalho enquanto elemento constituidor de valor de troca, no mercado e nas relações de classe, marcadas pela estratificação e pelas desiguldades, enquanto leis fundamentais que configuram a superestrutura social.

Para além da expressão de elementos sociais, a obra artística não se limita a eles, apresentando um caráter estético e imaginativo intrínsceco. Ressalta-se o papel fundamental da arte assume enquanto uma via de mão-dupla que permite ao homem reabsorver aquilo que de melhor foi produzido por seu gênero, tornando-se indivíduos ricos culturalmente, inteiramente homens, pois estão se apropriando da riqueza coletiva produzida historicamente pela humanidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I.** 1 ed. São Paulo: Duas Cidades Editora, 2003.

ARAÚJO, Alberes Santos; SEIXAS, Rebeka Caroça. **Nikolai Gógol***:* uma análise preliminar do contexto histórico e da obra dramatúrgica. Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Palmas, pág. 1-8. 2012.

BEZERRA, Paulo. Nascimento e Evolução de um Escritor. In: **O Capote e outras novelas de Gógol.** Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, p. 11-26.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: **Literatura e sociedade***:* estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002

CAVALIERE, Arlete. A arte de Gógol. São Paulo: **Revista Cult**, v. 132, (p.48/52), 2009. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-arte-de-gogol/>. Acesso em 26 de dezembro de 2019.

CAVALIERE, Arlete. Reflexão crítica. In: GÓGOL, Nikolai. *O nariz e A terrível vingança*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Literatura e humanismo**: ensaios de crítica marxista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Unesp, 2011.

GÓGOL, Nikolai. Diário de um louco. In: GÓGOL, Nikolai. O capote e outras novelas. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte**: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. 2ª edição. São Paulo: expressão popular, 2013.

KONDER. Leandro. **Marxismo e alienação**: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. 2.ed. São Paulo: Expressão popular, 2009.

LIMA, Rômulo André. Trabalho, alienação e fetichismo: categorias para a compreensão marxiana do Estado e do político. **Revista Brasileira de Ciências Políticas**.[Online]. 2015, n.17, p.7-42.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo, Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo. 2011.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. Livro I. Tomo 1. 33 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

QUIOZINI, Antonio A. Gógol: o capital comercial e a mercadoria nas entranhas do

absolutismo russo. **Revista Esquerda Diário**. 2017. Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/>. Acesso em 02 de janeiro de 2020.

WILLIAMS, Raymond**. Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.